

DIÁLOGOS ENTRE A FOTOGRAFIA EXPERIMENTAL E A GERAÇÃO DE IMAGENS NA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

ANA LUÍSA PANARELLI COSTA¹; FELIPE MERKER CASTELLANI²

¹*Universidade Federal de Pelotas – analuisapanarelli@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – felipemerkercastellani@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é baseada na minha investigação prática e teórica acerca das possibilidades criativas entre a Inteligência Artificial (IA) e a fotografia, a partir de reflexões críticas em busca da descoberta das potências e problemáticas dessa ferramenta. A partir da intersecção entre Artes Visuais e tecnologias digitais, a questão central que guia essa pesquisa é: perante a criação de imagem por meio de IA, como combater a atrofiação da subjetividade, automação da criatividade e a redução da experiência material à apenas virtual?

O recente surgimento de programas de criação de conteúdo com auxílio de IA e, principalmente, a democratização do seu acesso, tem gerado muitas questões acerca de como essa ferramenta irá transformar a sociedade. Essa inovação tecnológica se insere em um contexto de relação desequilibrada entre humanos e dispositivos digitais, um momento de crescente dependência digital. Pesquisas recentes apontam as consequências negativas do uso excessivo de telas, que tem afetado a liberdade, a saúde física e psicológica de grande parte da população mundial. A superexposição à tela prejudica o desenvolvimento cognitivo, emocional e comportamental, causa dificuldade de concentração, interfere na aprendizagem, nas relações sociais, na saúde física e emocional (MANWELL et. al., 2022). Já em relação a ameaça à liberdade, a filósofa Carissa Véliz, professora do Instituto de Ética e Inteligência Artificial na Universidade de Oxford, afirma que a privacidade na rede está em constante ameaça, já que os dados pessoais da população são vendidos para empresas e governos, que os manipulam de acordo com seus interesses (VELASCO, 2020).

O avanço da tecnologia amplia cada vez mais suas capacidades e funções e incorpora progressivamente variadas áreas do conhecimento. Atualmente se insere no campo da “criação”, o que pode agravar problemáticas que já estavam em ascensão e ainda criar outras novas. Segundo a cientista de dados Cathy O’Neil (2016), os dados são usados para ensinar máquinas a identificar diferentes padrões e os algoritmos, que os analisam, têm uma grande tendência a reproduzir desigualdades sociais, já que o banco de dados carrega a história humana. Como a IA trabalha a partir de dados e algoritmos disponíveis na rede, que desenvolve padrões de aprendizado chamados *machine learning* (BALDISSETTA, 2021), entendo que, consequentemente, criar a partir dela é carregar toda a complexidade que a envolve.

As amplas problemáticas destacadas influenciam nossa maneira de habitar os mundos material e digital, nossa subjetividade, individualidade e coletividade. É crucial entendermos que os dois mundos são reais, se correlacionam e retroalimentam, a fim de atingirmos a consciência de que tudo que acontece neste universo imaterial afeta o universo material. Compreendo que negar a IA não é uma opção, uma vez que essa ferramenta tem a tendência de ser cada vez mais utilizada, seja por pessoas ou empresas, mas é crucial repensarmos a forma em que utilizamos as tecnologias digitais. Sendo assim, o principal objetivo dessa

pesquisa é testar as possibilidades de criação artística entre as minhas fotografias e as imagens geradas por IA , em busca de investigar tanto suas potências criativas quanto suas limitações.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi fundamentado em duas etapas, a primeira direcionada à minha prática fotográfica e a segunda à criação de imagens por IA na plataforma *dreamlikeart*. A plataforma foi escolhida por ser gratuita já que as mais utilizadas, como *dall-e* e *midjourney*, atualmente estão funcionando apenas com versões pagas.

A primeira parte foi fazer a fotografia, em que aplico a técnica que intitule distorções analógicas, na qual utilizei recursos disponíveis no ato fotográfico para a distorção da imagem, que neste caso foi uma fotografia noturna, de longa exposição, na qual aparece uma construção abandonada no bairro Laranjal, onde resido. Com a técnica de longa exposição, em que o obturador da câmera ficou aberto por um segundo, realizei um gesto com a câmera enquanto a imagem era capturada, para desenhar com a luz uma outra forma de prédio.

Já na segunda parte, busquei reproduzir a imagem gerada na primeira etapa dentro da plataforma de IA, a partir das seguintes palavras-chave: *blurred night photograph, with long exposure and doubled image of a long abandoned and old asylum with many windows, lit by an intensely and blur yellow light from the streetlight, tree in the center, low definition, dark sky, street photograph*. A imagem foi gerada apenas a partir do banco de dados disponível na plataforma, escolhi a língua inglesa para escrever as palavras-chave, com o intuito de aumentar a chance de um resultado mais relevante, já que o uso do inglês nas plataformas de IA atinge objetivos mais precisos (PERRUSO, 2023).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 1 - Comparação entre fotografia e imagem gerada por IA, 2023



Fonte: Imagem da esquerda Ana Luísa Panarelli Costa, imagem da direita *dreamlikeart*

A minha experiência de fotografar a imagem do asilo abandonado, que é parte de uma série intitulada Arquiteturas Oníricas, partiu do intuito de fotografar prédios ociosos ao redor da minha residência, no qual me proponho a observar de formas diferentes os lugares esquecidos. Percebo que a fotografia experimental estimula a diversidade de perspectivas através do processo de interação com o entorno, em

que utilizo o imprevisto e o improvável como recurso de forma espontânea, identifico a relação entre meu corpo, a câmera, o tempo e o lugar. A prática fotográfica surge para mim como uma forma de tensionar a percepção única da realidade, de capturar imagens do absurdo escondido no visível. Essa experiência me levou a andar de bicicleta numa noite de neblina para imaginar lugares, me permitiu perceber os caminhos do meu cotidiano de maneiras que nunca vi e, ao mesmo tempo em que tenho um certo controle da imagem, é quase sempre uma surpresa quando de fato a vejo.

Já a experiência de reproduzir a imagem na plataforma de IA girou entorno de pesquisar qual a melhor plataforma dentro das minhas possibilidades, pesquisar tutoriais de como cada uma funciona e descrever a imagem. O processo de gerar imagens na IA foi muito mais descritivo do que da ordem de uma experiência artística, o resultado da imagem depende da precisão das palavras-chave e do banco de dados que a plataforma utiliza. Testei muitas possibilidades, mas as imagens geradas foram muito semelhantes entre si, a imagem selecionada (e a maioria das suas variações) é uma grande construção que se assemelha a uma arquitetura europeia, foi a imagem mais escura e a mais sem nitidez. Pude notar que há uma tendência de gerar imagens menos ruidosas, visualmente, a plataforma não conseguiu identificar as palavras-chave: *long exposure, doubled image* e *street photograph*. Uma das maiores diferenças de ambas experiências é que a geração de imagens na plataforma foi baseada na descrição de símbolos presentes na imagem, a única interação corpórea é a de digitar e de olhar longas horas para uma tela brilhante até o cansaço, sob uma única perspectiva. Diferentemente da fotografia, essa prática não envolve a presença do corpo, de um olhar dinâmico, de movimentação e deslocamento espacial, nem tampouco a manipulação física da câmera.

Esse foi apenas o primeiro experimento com a plataforma, pretendo continuar testando com novas fotografias, outras plataformas e metodologias. Ainda estou desenvolvendo uma terceira etapa, na qual pretendo hibridizar os processos de criação de imagem entre a IA e a minha fotografia.

4. CONCLUSÕES

Levando em conta o processo de criação de imagens na IA, essa experiência foi extremamente reducionista comparada ao ato de fotografar, pois a prática é muito mais descritiva do que do campo do sensível e da experiência artística. Passei muitas horas em frente a tela e realizei a experiência de forma passiva, apenas descrevendo detalhes de uma imagem, sendo assim, é preciso inovar formas de utilizá-la. A sensação que se tem é de permitar possibilidades pré-definidas, e não a de criação de imagens com possibilidades subjetivas. Sua limitação se encontra no padrão de imagens com poucas variedades, que parte de imagens comuns, mas tem um estilo próprio, sendo possível identificar visualmente que é uma imagem gerada por IA.

É possível concluir que a etapa de reprodução da fotografia na IA, que parte de padrões de algoritmos para gerar imagens, não se aproxima visualmente da minha fotografia, que busca justamente a fuga do convencional. Pode ser interessante testar outras plataformas, outras palavras-chave e outras maneiras de experimentar suas capacidades criativas. Sendo assim, é necessário a apropriação dessa tecnologia, a fim de investigar maneiras conscientes de ampliar suas possibilidades para além da capacidade de atrofiação, automação e redução da experiência artística que ela pode gerar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDISSERA, Olívia. **Ciência de dados e inteligência artificial: combinação em alta no mercado de tecnologia.** Pós PUCPR Digital. Paraná, 14 out. 2021. Acesso em: 19 set. 2023. Disponível em: <https://posdigital.pucpr.br/blog>.

MANWELL, Laurie A., TADROS, Merelle, CICCARELLI, Tiana M., EIKELBOOM, Roelof. Digital dementia in the internet generation: excessive screen time during brain development will increase the risk of Alzheimer's disease and related dementias in adulthood. **Journal of Integrative Neuroscience**, Singapura, v. 21, n.1, p. 1-15, 2022.

O'NEIL, Cathy. **Weapons of math destruction:** how big data increases inequality and threatens democracy. 1. ed., Nova York, Crown Publishers, 2016.

PERRUSO, H. **Boas práticas para prompts, e ferramentas para explorar a inteligência artificial além do ChatGPT.** Medium, 1 jul. 2023. Acessado em: 20 set. 2023. Disponível em: <https://medium.com/@hugoperruso/boas-pr%C3%A1ticas-para-prompts-e-ferramentas-para-explorar-a-intelig%C3%A1ncia-artificial-al%C3%A9m-do-chatgpt-89177b971bb1>.

VELASCO, Irene Hernández. **Falta de privacidade mata mais que terrorismo: o surpreendente alerta de professora de Oxford.** BBC News Brasil. Madrid, 16 out. 2020. Acessado em: 20 set. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54558878>.